

<http://oarrumadinho.sapo.pt>, 18.jun.13

Ainda a greve dos professores

Analisei com atenção quase todos os comentários aqui deixados - na maioria por professores - sobre a greve de ontem. Li as críticas e retive várias ideias. Em momento algum me convenceram de que a minha opinião está errada.

A principal tecla em que todos batem é na minha "desinformação" relativamente ao número de horas lectivas de um professor. Escrevi "entre 12 e 20". Muitos dizem aqui que chegam a ter "25 horas lectivas" por semana. E é o máximo que é referido: 25 horas. Logo, e como é lógico, haverá muitos outros professores que trabalham bastante menos. Ainda ontem, uma pessoa me disse que a mãe é professora e tem 16 horas lectivas. Também há muitos professores, como o senhor Mário Nogueira, que têm horário zero. Ou seja, se formos fazer a média entre os horários zero, as pessoas que têm 16, 17, 18 horas lectivas e as que têm 25 chegaremos a um número a rondar os 18/20. Ou seja, em média, um professor terá 18/20 horas lectivas por semana. A todos os que protestam com isto e dizem que têm 25 eu peço para olharem para o lado e verem quantos colegas têm menos. E são muitos.

Agora pergunto: mas afinal, se juntarmos a isto as tais reuniões, o trabalho burocrático, a preparação das aulas, afinal, quantas horas trabalha um professor? Digam-me. É que pelas opiniões aqui deixadas eu fico a achar que devem trabalhar umas 15 por dia. Lamento, mas não me convencem disso.

Se os professores passam 20 horas a dar aulas, têm outras 20 (cinco por dia) para as tais reuniões (que não são diárias), e para preparar as aulas (o que, como também muitas pessoas escreveram nos comentários não é uma coisa que tenha de demorar horas e horas, sobretudo para professores mais velhos, já que os programas não mudam radicalmente de ano para ano, há fichas de trabalho de apoio para professores, há muita coisa que fica de uns anos para os outros - e eu sei do que estou a falar).

Outra coisa que muita gente escreveu foi que eu conheci a realidade dos meus pais nos anos 80 e 90, e que hoje é tudo diferente. Mas onde é que foram buscar esta ideia? Os meus pais reformaram-se há dois anos, não há 20. Ou seja, ainda há dois anos eu ia à escola secundária da minha mãe ter com ela, e acompanhava de perto a realidade do ensino. E, para mais, conheço muitos professores, sei a vida que levam, sei que não têm de trabalhar "todos os dias até à meia-noite" como muitos dão aqui a entender. A profissão de professor tem as suas particularidades, obriga a corrigir testes, a ir a reuniões, a preparar aulas, mas quando um professor escolhe essa profissão já sabe ao que vai, já sabe que vai ter esse trabalho, não é propriamente enganado. Tudo isso faz parte das competências de um professor. Um jornalista também não passa o dia a escrever notícias, também tem reuniões, pesquisa, telefonemas a fazer, entrevistas, tem de desgravar coisas, ler jornais. Ou seja, "o trabalho" de um professor não é só dar aulas. Todas as burocracias, reuniões e trabalho preparatório e correções de testes fazem parte das funções de um professor, não são "trabalho extra".

Outro dos comentários que me deixaram, de uma irmã de uma professora, dizia que a irmã chegava a passar "duas horas por dia a preparar aulas". Boa. Mais um dado: duas horas por dia. São 10 semanais. Se as juntarmos às 20 lectivas já temos 30. E ainda faltam 10 para se chegar às 40, que é o que um normal funcionário do sector privado trabalha.

Outro comentador escreveu: "Não tens noção do dia-a-dia de um professor". Por acaso até tenho, como tenho de muitas outras profissões. E sei que em muitas e muitas outras profissões, sobretudo no privado, se trabalham 40, 42, 45, 50 horas semanais, porque há trabalho para fazer, porque se as pessoas não fizerem o trabalho que têm em mãos ninguém mais o fará, e correm o risco de serem despedidas.

Se muitos professores dizem que eu não tenho noção do que é ser professor, eu posso dizer que muitos deles não têm noção do que é o mundo no privado, muito mais competitivo, exigente, em que o patrão tem um rosto, os chefes têm de mostrar resultados, a pressão é elevada, e quem se deixa ficar para trás é ultrapassado. Isto, seguramente, muitos professores não sabem o que é.

Último comentário: "E nem nos pagam as deslocações para o local de trabalho". A sério? Querem mesmo usar este argumento? Mas em que profissão é que o patrão paga ao trabalhador para ele se deslocar para o emprego? Sem comentários.

Volto a referir que tenho o máximo de respeito pela profissão de professor, eu próprio, se não tivesse seguido jornalismo, gostaria de ter sido professor, acho que é uma classe que recebe muito menos do que deveria, e que é fundamental para a evolução da nossa sociedade. Agora, não me parece que seja uma classe com problemas maiores do que o das outras profissões. Alguém escreveu nos comentários do post anterior que é inadmissível "o que este governo está a fazer aos professores". E isto leva-me para o meu texto anterior. E o governo antes deste? E o outro antes? E o outro antes? E o outro antes? Para a FenProf, todos os ministros são maus, todas as políticas educativas são erradas, todos os anos são anos de sair à rua. Lembram-se de algum ano em que não houve greves dos professores? Eu não. E não encontram aqui um padrão? Eu encontro. O clima de instabilidade social, de protesto, de luta, serve, não para defender a classe, mas para minar os governos, que nunca são da cor política que apoia à FenProf. Por isso, deixo já aqui uma notícia: depois deste ministro, virá outro igualmente mau. E depois outro ainda pior. E seguir-se-á outro terrível e incompetente. E vamos andar sempre nisto.

Eu não preciso de ser professor para dar a minha opinião sobre um assunto. Os professores não têm opinião sobre nada? Só falam e opinam sobre professores? É que, partindo desse pressuposto, não podem dizer que o Cardozo é um aselha porque nunca foram jogadores de futebol, não podem dizer que o ministro da Educação é mau porque nunca foram ministros, não podem dizer que um actor é fraco porque nunca foram actores e não conhecem os meios destas profissões. Eu tenho todo o direito a dar a minha opinião sobre a situação geral dos professores que, por muito negra que esteja, não me parece que seja pior do que a de muitos e muitos outros sectores da sociedade.

Para terminar, umas ideias sobre jornalistas e jornalismo (tem a sua graça os professores dizerem que eu falo sem saber o que é ser professor, mas depois acham-se sabedores das competências de um jornalismo: Os jornalistas não fazem só notícias. Têm direito à sua opinião. O que eu escrevi foi uma opinião, que não tem de ser "isenta, imparcial". Isso é o que tem de acontecer quando se escrevem notícias.

Eu não escrevo para ser popular ou polémico. Eu escrevo o que penso. Sempre o fiz, sempre o farei.